



# UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DAS RELAÇÕES ENTRE ESPIRITUALIDADE E PSICOTERAPIA: COMO TRABALHA A(O) GESTALT TERAPEUTA?

A Phenomenological Study of the Relations Between Spirituality and Psychotherapy: How Does the Gestalt Therapist Works?

ALINE FERREIRA CAMPOS\*  
MARTA HELENA DE FREITAS\*\*  
JORGE PONCIANO RIBEIRO\*\*\*

Un Estudio Fenomenológico de las Relaciones entre Espiritualidad y Psicoterapia. ¿Cómo Trabaja el Terapeuta Gestalt?

**Resumo:** Este artigo parte da indagação acerca da relação entre espiritualidade e psicoterapia segundo as percepções de Gestalt-terapeutas. Tem como objetivo descrever como tais psicoterapeutas percebem o tema da espiritualidade e sua presença na clínica, bem como o modo como se dá o seu manejo no contexto psicoterápico. O material aqui apresentado traz uma parte dos resultados obtidos em uma pesquisa empírica mais abrangente, na qual empregou-se o método qualitativo e fenomenológico para coleta e análise de dados conforme concebido por Amedeo Giorgi. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco Gestalt-terapeutas com vasta experiência clínica. O estudo resultou na apreensão de componentes essenciais das vivências dos participantes, que incluíram a presença de temas existenciais e de transcendência na clínica, a importância da relação terapêutica e da postura fenomenológica, a integração entre as dimensões espiritual e psíquica, as suas possíveis relações com a religião, bem como também a espiritualidade da(o) própria(o) psicoterapeuta.

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicoterapia; Espiritualidade; Religiosidade; Gestalt-terapia

**Abstract:** This article starts from the questioning about the relationship between spirituality and psychotherapy, according to the perceptions of Gestalt therapists. It aims to describe how such psychotherapists perceive the theme of spirituality and its presence in the clinic, as well as how it is handled in the psychotherapeutic context. The material presented here brings part of the results obtained in more comprehensive empirical research, in which the qualitative and phenomenological method was used for data collection and analysis, as conceived by Amedeo Giorgi. Semi-structured interviews were conducted with five Gestalt therapists with extensive clinical experience. The study resulted in the apprehension of essential components of the participants' experiences, which included the presence of existential and transcendent themes in the clinic, the importance of the therapeutic relationship and the phenomenological posture, the integration between the spiritual and psychic dimensions, their possible relationships with religion, as well as the psychotherapist's own spirituality.

Keywords: Phenomenology; Psychotherapy; Spirituality; Religiousness; Gestalt-therapy

**Resumen:** Este artículo parte de la pregunta por la relación entre espiritualidad y psicoterapia según las percepciones de los terapeutas Gestalt. Tiene como objetivo describir cómo dichos psicoterapeutas describen el tema de la espiritualidad y su presencia en la clínica, así como también cómo se maneja en el contexto psicoterapéutico. El material aquí presentado trae parte de los resultados obtenidos en una investigación empírica más amplia, en la que se utilizó el método cualitativo y fenomenológico para la recolección y análisis de datos, tal como lo concibió Amedeo Giorgi. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con cinco terapeutas Gestalt con amplia experiencia clínica. El estudio resultó en la apreensión de componentes esenciales de las experiencias de los participantes, que incluyeron la presencia de temas existenciales y trascendentes en la clínica, la importancia de la relación terapéutica y la postura fenomenológica, la integración entre las dimensiones espiritual y psíquica, sus posibles relaciones con la religión, así como la propia espiritualidad del psicoterapeuta.

Palabras clave: Fenomenología; Psicoterapia; Espiritualidad; Religiosidad; Terapia Gestalt

\* Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (Universidade de Brasília). Gestalt-terapeuta pelo Instituto Metanoia, Inglaterra; Cofundadora do Instituto de Gestalt-terapia da Bahia e professora do Instituto de Gestalt-terapia de Brasília. E-mail: [afcamos1404@gmail.com](mailto:afcamos1404@gmail.com). ORCID: 0000-0002-8195-2163

\*\* Doutora em Psicologia Clínica e da Cultura (Universidade de Brasília). Pós-doutoramentos em Psicologia da Religião - PR (University of Kent at Canterbury) e Psicologia Intercultural (Universidade do Porto e University of Wales Trinity Saint David). Professora pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UCB. Membro da International Association of Psychology of Religion (IAPR). E-mail: [mhelenadefreitas@gmail.com](mailto:mhelenadefreitas@gmail.com). ORCID: 0000-0003-1552-6016

\*\*\* Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma (Itália). Professor titular emérito da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Fundador e Presidente do Instituto de Gestaltterapia de Brasília/DF. E-mail: [jorgeponcianoribeiro@yahoo.com.br](mailto:jorgeponcianoribeiro@yahoo.com.br). ORCID: 0000-0002-1268-3596



## Introdução

A espiritualidade é fenômeno inerente à existência humana, apresentando-se nas diversas situações vitais, embora a sua possível integração ao cuidado com a saúde mental, na psiquiatria e na psicologia, ainda seja algo bastante controverso (Hefti, 2011/2019). De fato, o modo como ela é conduzida pode promover saúde e sentido, assim como também sofrimento (Campos, 2019; Monteiro et al, 2020; Paiva, 2018; Silva et al, 2020). Termo repleto de conotações e possibilidades, faz referência a um fenômeno que tem sido cada vez mais estudado e debatido no meio acadêmico, em especial neste início do Século XXI, como que em contrapartida a momentos em que foi ignorado ou prescindido (Raddatz, Mota & Alminhana, 2019).

O tema também se mostra presente em psicoterapia, nas falas dos clientes e nos processos da clínica (Hoffman & Wallace, 2011; Hook, Worthington Jr., & Davis, 2012; Moreira-Almeida & Lucchetti, 2016; Raddatz, Mota & Alminhana, 2019; Piasson, Oliveira e Freitas, 2022), sendo considerado por psicoterapeutas como uma dimensão integrada ao cuidado e à saúde (Cunha & Scorsolini-Cumin, 2019a, 2019b). Diversos autores têm mostrado, por meio de suas pesquisas (Esperandio, 2020; Moreira-Almeida & Lucchetti, 2016), assim como também a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2006) e a Associação Mundial de Psiquiatria (WPS, 2016), as relações positivas entre espiritualidade/religiosidade e os indicadores de saúde. Por outro lado, algumas pesquisas também apontam para relações negativas, a depender do como a religiosidade é conduzida, como, por exemplo, quando há recusa em aceitar tratamento por questões religiosas, intolerância à diversidade,  *coping* religioso negativo (Moreira-Almeida et al., 2016). E dentre os estudos que têm apontado a importância da espiritualidade e da religião/religiosidade como fatores de saúde, alguns têm buscado compreender como estes se apresentam na prática da psicoterapia (Cunha & Scorsolini-Cumin, 2019a, 2019b; Piasson, Oliveira e Freitas, 2022; Zea, Mason & Murguía, 2020).

Este trabalho busca contribuir para a compreensão da relação entre a espiritualidade/religiosidade e a prática clínica em Gestalt-terapia. Resulta de uma pesquisa empírica, fundamentada no método fenomenológico de Amedeu Giorgi (1985), que investigou a relação entre psicoterapia e espiritualidade nas percepções de psicoterapeutas com vasta experiência clínica, que trabalham dentro da abordagem da Gestalt-terapia. O presente artigo apresenta um recorte da pesquisa original, focando em um de seus eixos temáticos, que versa sobre a relação entre espiritualidade e psicoterapia: como o tema da espiritualidade surge na clínica e como é trabalhado por psicoterapeutas. Serão apresentados os núcleos e unidades de sentido apreendidos na pesquisa empírica e suas relações com a literatura contemporânea.

### 1.1 Definição de Espiritualidade

O caráter polissêmico do termo Espiritualidade ilustra a sua riqueza enquanto dimensão humana, a qual pode ser entendida como a “capacidade humana de avaliar e de agir conscientemente e que está na base da vida moral” (Bello, 2021, p. 24), ou também como busca de busca de sentido para a vida (Freitas & Vilela, 2017; Pinto, 2009). A espiritualidade também pode ser compreendida como a relação do ser humano com o sagrado, tomada então como a própria atividade de transcendência e a perspectiva de um todo maior (Ribeiro, 2009). Ou, ainda, enquanto vivência subjetiva, podendo ser uma experiência vinculada (ou não) à religião e à religiosidade (Campos, 2019). De fato, alguns estudos definem espiritualidade como a inclinação humana a buscar sentido para a vida assim como a busca de conexão com algo maior que si mesmo, sagrado e transcendente, o que pode ou não incluir uma participação religiosa formal (Pargament, Desai, & McConnell, 2006; Ribeiro, 2009). Panzini, Rocha, Bandeira & Fleck (2007) diferenciam os temas espiritualidade e religiosidade do conceito de religião, que focaliza crenças, práticas e rituais que auxiliam o contato do indivíduo com o sagrado e o transcendente.

Aletti (2012), entretanto, questiona a polarização dos conceitos de espiritualidade e religião, uma vez que não leva em conta as interseções entre os temas. Há definições de religião que se aproximam do conceito de espiritualidade e de religiosidade, quando focam na “experiência religiosa” e não em formas externas de prática. Corrêa e Borjato (2016, p. 1), por exemplo, afirmaram que “a experiência religiosa pode ser compreendida como um dos modos da pessoa ser-no-mundo, possibilitando, dessa maneira, a descoberta de sentidos na existência frente à angústia perante o Nada”.

Segundo Moreira-Almeida et al. (2016), espiritualidade e religião estão relacionadas a crenças centrais, valores e experiências humanas, independentemente de como são definidas. Fundando-se numa perspectiva fenomenológica, Freitas e Vilela (2017, p. 97) descrevem a diferença entre os conceitos de espiritualidade, religiosidade e religião, apontando a espiritualidade como uma demanda de sentido, a religião como um sistema de resposta, e a religiosidade como um “modo de elaboração subjetiva e intersubjetiva na busca de respostas para as demandas de sentido, ancorando-se em crenças religiosas (em Deus, Sagrado ou Transcendente)”.



Diante da diversidade de conceituações dos termos “espiritualidade” e “religiosidade”, alguns autores escolheram adotar uma terminologia combinada – R/ E, enfatizando as relações entre os dois fenômenos em vez de suas diferenças (Cunha & Scorsolini-Comin, 2019; Henning-Geronasso & Moré, 2015; Oliveira & Junges, 2012). No presente trabalho, embora se conceba os conceitos de espiritualidade, religião e religiosidade como sendo interligados, busca-se respeitar a própria maneira como cada um dos participantes concebem o termo espiritualidade e suas relações ou não com os demais.

## A Gestalt-terapia e o Tema da Espiritualidade

O presente estudo teve como marco teórico a Gestalt-terapia, uma abordagem que se destaca por considerar a dimensão existencial e espiritual do ser humano (Clarkson e MacKewn, 1993), o que não tem acontecido de forma consistente para outras vertentes na história da psicologia (Freitas, 2004). Algumas escolas, influenciadas pelo cartesianismo, têm deixado esses temas de fora de seus estudos, enquanto outras os têm enfatizado.

A Gestalt-terapia é uma abordagem fenomenológico-existencial, que desde sua fundação recebeu influência de vertentes religiosas e espirituais como o budismo, o tantrismo e o taoísmo (Ribeiro, 1985; Schoen, 1994). Enquanto abordagem clínica, tem se caracterizado como uma *práxis* pautada no reconhecimento da dimensão espiritual como parte da vida, remetendo a questões existenciais e transcendentais. De fato, como ressalta Ribeiro (2009), o ser humano, para a Gestalt-terapia, é multidimensional, compreendendo aspectos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais.

No que tange à dimensão espiritual como capacidade de reflexão e busca de sentido da vida, a abordagem gestáltica a inclui de forma consistente; entretanto, o mesmo não ocorre quando se trata de estudar os fenômenos da transcendência ou da transpessoalidade (Tabone, 1993). Mesmo assim, há muitos autores que se dedicam ao estudo da espiritualidade em Gestalt-terapia, inclusive no Brasil (Campos, 2019). Sendo assim, Gestalt-terapeutas foram escolhidas(os) para fazer parte da pesquisa, no sentido de que podem contribuir para a compreensão dos fenômenos espirituais na clínica.

### 1. Metodologia

O trabalho que deu origem a este recorte constituiu-se em uma pesquisa de campo com psicoterapeutas da abordagem da Gestalt-terapia acerca de suas experiências com a espiritualidade no atendimento psicoterápico. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas da Universidade de Brasília. O modelo para coleta e análise de dados foi o da pesquisa qualitativa fenomenológica, de acordo com Giorgi (1985, 2009, 2010). O método consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com as(os) participantes, para que descrevessem suas experiências com o tema, buscando-se encontrar o significado central dessas vivências (Creswell, 2010; Holanda, 2006), sua estrutura essencial (Giorgi, 1985; 2009; 2010), ou a estrutura geral do vivido (Amatuzzi, 2001).

#### 1.1. Participantes

Participaram da pesquisa um total de cinco psicoterapeutas que trabalhavam com a abordagem da Gestalt-terapia, todas(os) elas(es) registradas(os) no CRP de sua região. As(os) participantes foram encontradas(os) em registros de institutos de Gestalt-terapia de quatro cidades brasileiras, incluindo profissionais com mais de vinte anos de experiência clínica e que se interessavam pelo tema da espiritualidade.

Todas(os) as(os) entrevistadas(os) assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Um dos entrevistados participou da entrevista-piloto, que visava testar a qualidade das questões disparadoras, mas não participou do estudo final. Foram incluídas(os) três participantes do sexo masculino e dois do feminino, com idades variando entre 55 e 85 anos, tempo de atuação entre 31 a 55 anos, e declarando-se de quatro religiões diferentes: cristã ortodoxa, católica, budista e de matriz africana. Quanto à formação foram três doutores, uma mestra e uma especialista.

#### 1.2. Instrumentos

Para a realização da pesquisa foi elaborado um questionário para investigar os seguintes temas-eixos: Concepção de psicoterapia; Concepção de espiritualidade; Vivência e concepção das relações entre espiritualidade e psicoterapia. Este último contemplou três subtemas: como o tema aparece na clínica; relações entre espiritualidade saúde mental; manejo de temas de espiritualidade na clínica.

#### 1.3. Procedimentos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as(os) participantes, com perguntas disparadoras relacionadas aos objetivos da pesquisa. As entrevistas foram conduzidas com um foco em apreender a experiência genuína das(os) psicoterapeutas, e não em suas elaborações teóricas. A análise das entrevistas se deu conforme os passos descritos por Giorgi (1985, 2009, 2010, 2016):

- a. *Apreensão do Sentido de Totalidade*: Leituras sucessivas das transcrições, mediante uma atitude fenomenológica, buscando uma compreensão geral do todo.



- b. *Discriminação das partes em unidades de significado*: Nova leitura sobre cada transcrição de entrevista, agora com finalidade de identificar as unidades de significado, de acordo com o critério da mudança de sentido, mantendo-se a linguagem das(os) entrevistadas(os). Como estabelece Giorgi (1985; 2012), as unidades de significado são relativas à perspectiva da(o) pesquisador(a) e ao contexto do estudo. Elas “ não ‘existem’ nas descrições em si mesmas, estão correlacionadas com as opções da(o) investigador(a), que segue a perspectiva de sua disciplina de estudo” (Giorgi, 2010, p. 42).
- c. *Transformação das expressões cotidianas das unidades de significado em linguagem psicológica, com ênfase no fenômeno investigado*: Mediante uso da reflexão e da variação imaginativa livre, buscou-se compreender a essência psicológica contida no momento da experiência da(o) participante, realizando assim a tradução do que fora expresso por suas palavras. Em seguida, transformou as expressões psicológicas em títulos que as representassem, ou unidades de sentido (Zaneti, 2017).
- d. *Determinação da estrutura geral dos significados psicológicos*: As unidades de sentido apreendidas no estudo, para cada tema-eixo, foram organizadas em núcleos de sentido, em consonância com o que tem sido realizado por Freitas e colaboradoras(es) (Freitas, Ruas e Nwora (2021); Nwora e Freitas (2020); Zaneti e Freitas (2019). Assim, do conjunto de vivências apreendidas, buscou-se organizar uma síntese e apresentá-la de maneira sistemática e, ao mesmo tempo, orgânica.
- e. *Discussão e comunicação dos resultados*: Buscou-se realizar a análise dos resultados, evidenciando-se os diferentes constituintes das experiências relatadas e a relação entre elas. Assim, os resultados do estudo foram colocados em diálogo com a literatura clássica e contemporânea sobre espiritualidade e Gestalt-terapia, tecendo-se reflexões concernentes e estabelecendo conexões, convergências e divergências entre este e outros estudos.

### 3. Resultados

A leitura fenomenológica das falas dos entrevistados resultou em núcleos e unidades de sentido para cada tema-eixo do estudo, apreendendo-se diferentes expressões do fenômeno. No recorte pretendido para este artigo, dois subtemas do Tema-Eixo 3 - Relação entre Espiritualidade e Psicoterapia - foram escolhidos: a) como a espiritualidade aparece na clínica; b) como a(o) psicoterapeuta trabalha temas da espiritualidade na clínica.

#### 3.1. Subtema 1 – Como a espiritualidade aparece na clínica

Encontramos em relação a este subtema seis núcleos de sentido, referentes a como a espiritualidade surge nos processos da psicoterapia: (1) tema trazido diretamente; (2) dimensão existencial / ontológica evocada; (3) experiências transcendentais; (4) na relação dialógica; (5) ligada a temas religiosos; (6) na progressão do processo terapêutico. Os núcleos de sentido e suas respectivas unidades de sentido estão apresentados abaixo, em formato de texto e diagrama (Figura 1).

Participantes descreveram que temas puramente espirituais ou de religiosidade surgem na clínica, entretanto, com menor frequência do que são trazidos tópicos mais tradicionais. O tema da espiritualidade se apresenta de forma frequente quando em sua definição como dimensão ontológica e existencial: pacientes comumente apresentam temas de busca de sentido para suas vivências; fazem questionamentos sobre valores que permeiam suas vidas e suas escolhas; indagam sobre o mistério, o devir, o vazio; almejam a recuperação da totalidade do ser.

A espiritualidade também se manifesta de forma frequente mediante as experiências relacionais na clínica, tanto na qualidade do encontro terapêutico quanto nos chamados momentos sagrados em psicoterapia. O participante Mauro discorreu sobre o aparecimento da dimensão espiritual na relação de cuidado entre paciente e psicoterapeuta:

Essa é a forma mais comum dela acontecer, [...] sabe, descrever como a espiritualidade aparece, porque ela vai aparecer é... ela vai aparecer dentro dessa qualidade do encontro, a partir do que a pessoa traz e às vezes o que ela traz não tem nada de religioso, nada de espiritual.

A participante de pseudônimo Bella pontua sobre o que é chamado de momento sagrado na relação:

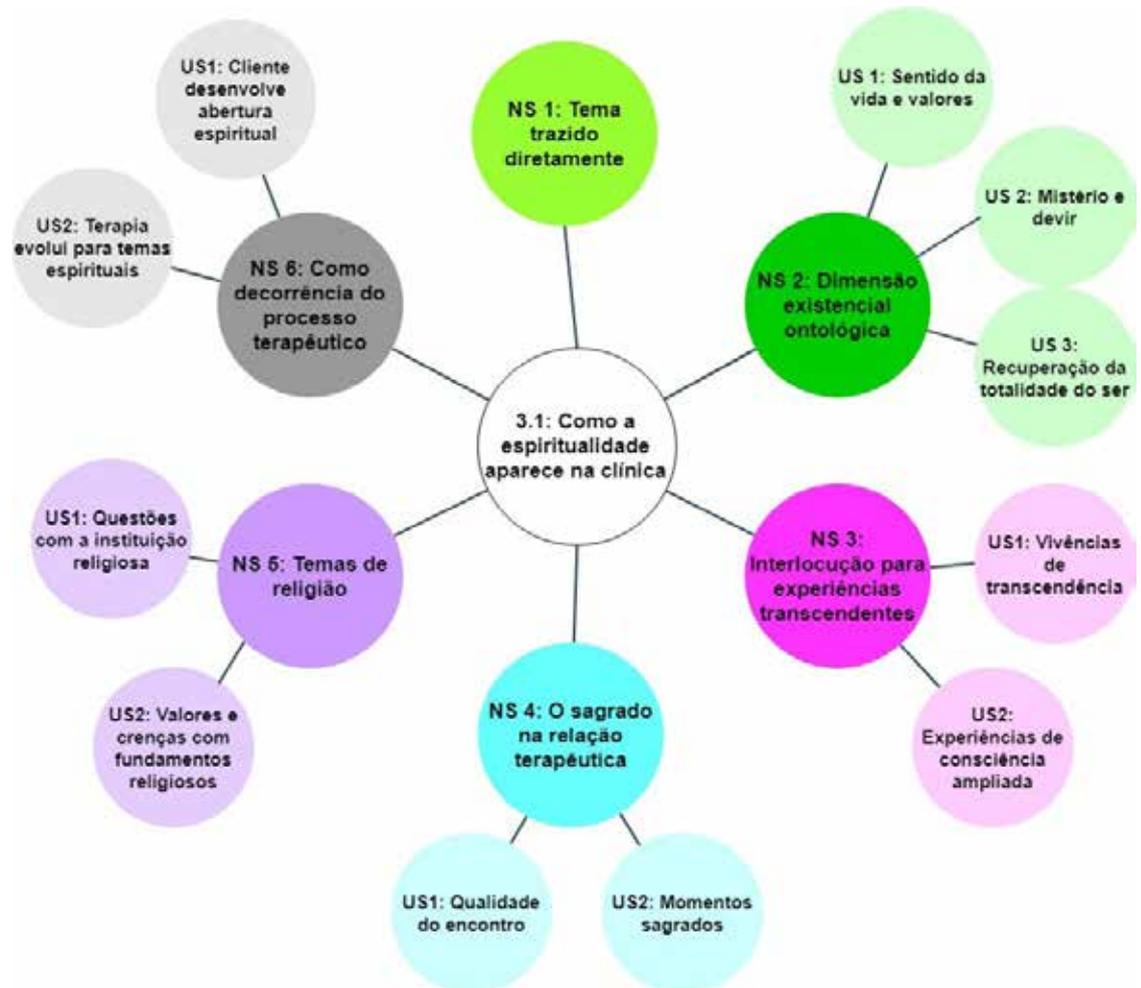
[...] se eu consigo ajudar o paciente a se colocar disponível, se colocar aberto, então esse campo da relação humana [...] o sagrado pode visitar... e eu percebo que na relação terapêutica isso acontece muitas vezes, né?

Segundo os participantes, clientes trazem para a clínica – com menos frequência do que expõem temas existenciais – suas experiências transcendentais, que muitas vezes são descredenciadas ou reduzidas a processos psicológicos por outras pessoas. Elas(es) buscam junto ao terapeuta interlocução e suporte para essas vivências, demandando compreensão e acolhimento. Pacientes podem trazer experiên-



cias de êxtase e encontro com o sagrado, assim como o que sentem ao se defrontar com a finitude e a morte. Bella dá um exemplo de uma paciente que buscou interlocução após ter sofrido um acidente de carro:

Figura 1: Como a espiritualidade aparece na clínica.



Fonte: elaboração das(os) autoras(es) (2019).

[...] eles foram prensados por duas, duas carretas, ela disse que o carro se transfor... deu perda total, ficou uma folha de papel, só sobraram ela e o noivo, mais nada! [...] E ela, ela teve uma experiência ali do sagrado, mas na dimensão do horror, né, quer dizer, jogada numa situação de transcendência absoluta [...] quando ela não encontra interlocução, né, pra esses arrebatamentos, essas trombadas com o real, né... isso pode gerar estados de enlouquecimento...

A transcendência também surge nas experiências de emergências espirituais, que são trazidas por pacientes que precisam de suporte. Laura fala de sua clínica: “então vem muita gente pra mim que tem experiências de estados ampliados de consciência e que não sabe como integrar essas dimensões que são de... integrar multidimensionalidade dentro da sua tridimensionalidade, né?”

A espiritualidade também surge quando temas de religião são discutidos na clínica, uma vez que não há excludência entre esses temas. Em um sentido, clientes querem tratar de suas questões com as instituições religiosas, que promoveram ou coibiram sua saúde mental e/ou seu crescimento espiritual. Pacientes também trazem suas experiências com a religião quando falam de suas vidas cotidianas, de forma rotineira, como trouxe Laura:

Então, volta e meia, ela (a paciente) vai me falar, que ela fez o... que ela fez a promessa tal... ela rezou o rosário tal, pra num sei o que, pra conseguir ... que ela foi pra missa... que, então, a dimensão da espiritualidade permeia o cotidiano do humano. Então tá sempre presente. Não sou eu que trago. O cliente traz.

É preponderante também que quando clientes demonstram as crenças pelas quais fundamentam suas vidas e suas escolhas, essas estão impregnadas de valores religiosos, o que pode, inclusive, ir de encontro aos valores do terapeuta. Aqui Érico dá um exemplo:



[...] porque os nossos valores inevitavelmente têm fundamento religioso, à medida que não há cultura que não tenha religião. Toda a cultura quando surge, surge com ou tem uma religião, então a gente tem valores que são ligados à religião, independentemente de qual seja, pode ser candomblé, pode ser cristianismo, budismo, nossos valores têm uma fundamentação religiosa.

Por fim, como a psicoterapia se volta ao melhoramento das demandas psicoemocionais, pode promover aberturas de ordem espiritual, como disse Mauro: “Então, quando uma pessoa, é... passa a se escutar com mais respeito e passa a ser mais coerente com essas necessidades mais profundas, a vida dela vai ganhando uma qualidade mais espiritual, não necessariamente religiosa, mas mais espiritual, [...]”

E ele prossegue, descrevendo o processo de um paciente: “Os sintomas começaram a sumir, é... ele começou a trazer questionamentos de outra ordem, não mais em cima do sintoma, mas em cima de... sentido de vida mesmo, o que que ele tá fazendo aqui, né?”

Segundo Bella, a psicoterapia pode promover que a pessoa passe a “percorrer o seu caminho de vida, né, se abrindo pro que é mais fundamental pra ela, e coloque o agora na direção, né, no sentido desse valor fundamental (*espiritualidade*)”.

### 3.2. Subtema 2 – Como a(o) psicoterapeuta trabalha temas da espiritualidade na clínica.

Aos participantes foi perguntado como trabalham temas de espiritualidade com seus clientes. Suas respostas foram desdobradas em oito núcleos de sentido: (1) desenvolvimento de uma relação de diálogo; (2) trabalho de reorganização existencial / ontológica; (3) integração entre o psicológico e o espiritual; (4) uso do método fenomenológico; (5) trabalho em uma perspectiva transcendente / multidimensional; (6) integração entre religião, religiosidade e espiritualidade; (7) uso de recursos técnicos; (8) a espiritualidade do terapeuta (Figura 2). Cada um desses núcleos de sentido, por sua vez, se desdobrou em unidades de sentido, que também serão apresentadas.

Figura 2: Como a(o) psicoterapeuta trabalha temas da espiritualidade na clínica.



Fonte: elaboração das(os) autoras(es) (2019).

#### **Núcleo 1: Importância do desenvolvimento de uma relação de diálogo.**

Participantes revelaram a importância do estabelecimento de uma relação dialógica entre terapeuta e cliente, uma relação Eu-Tu, de acordo com o pensamento de Buber (1974). Para as(os) participantes, a relação dialógica desenvolvida entre paciente e psicoterapeuta tem qualidades espirituais, podendo facilitar a escuta dos temas trazidos, incluindo aqueles ligados à espiritualidade.

Este núcleo se desdobrou em onze unidades de sentido, que sugerem as atitudes e comportamentos da(o) psicoterapeuta que promovem o diálogo: estabelecer relação de confiança; presença e empatia; acolhimento e interlocução; testemunhar, evitando redução das vivências; respeito à diversidade de experiências; confirmação dos valores da pessoa; sustentação de experiências de transcendência; caminhar junto com a(o) cliente; compartilhar experiências pessoais; focar no diálogo e não em técnicas; silenciar-se diante do sagrado.

Mauro descreve como oferece acolhimento clínico:



[...] quando eu me abro pro que tá acontecendo, esse silêncio que vem pro terapeuta, esse silêncio de acolhimento total... total e de... busca de empatia, né? De abertura pro *entre*, ele já tem uma coisa de espiritual nele. Ele já tem uma qualidade espiritual.

Bella cita como dá suporte às experiências transcendentais trazidas por suas(seus) clientes:

[...] e quando ela encontra e eu percebo que aquele encontro a transformou e foi significativo, eu me coloco no lugar de testemunha, eu *testemunho* aquela experiência e não tento nomeá-la nem reduzi-la, eu me coloco... na condição... de não saber explicar aquilo porque de fato eu não sei...

Érico afirmou que quando lida com questões delicadas que envolvem valores religiosos, como a morte, por exemplo, busca acolher e principalmente confirmar o que faz sentido para a(o) cliente. Já Mauro descreve a importância de estar aberto para a comunhão e o silêncio:

E ainda um outro elemento que eu acho que a espiritualidade entra no consultório, é quando existe um momento de muita comunhão, profunda comunhão, entre os dois, terapeuta e paciente. E que às vezes não... só o silêncio, né... só o silêncio tem lugar ali, mas é um... um momento de uma profundidade que tangencia o espiritual.

### **Núcleo 2: Reorganização existencial e ontológica.**

Este núcleo apresenta seis unidades de sentido, todas versando sobre a importância de lidar com questões existenciais trazidas por clientes, sendo que estes temas são considerados como espirituais, como já discutido acima. Segundo as(os) participantes, é importante que psicoterapeutas ofereçam estímulos ao desenvolvimento da criatividade da(o) cliente e promovam sua apropriação de escolhas. Também proporcionam apoio para a apropriação e transformação de valores e para a busca de sentido para a vida. Por fim, acolhem temas do vazio, da morte, do mistério e do devir.

### **Núcleo 3: Integração da dimensão espiritual com a psíquica.**

Diante da multidimensionalidade do ser humano, psicoterapeutas acolhem os aspectos biológicos, sociais, psíquicos e espirituais de suas(seus) clientes. O trabalho psicoterapêutico pode apresentar entrelaçamentos entre as diversas dimensões, que precisam ser integradas. Este núcleo se desdobrou em quatro unidades de sentido: um discurso espiritual trazido pela(o) cliente revela um tema psicoemocional a ser cuidado; a necessidade de reconstrução do si mesmo e de desenvolvimento egóico, como sustentação para uma evolução espiritual; o reconhecimento e validação pela(o) terapeuta de uma vivência espiritual genuína apresentada pela(o) cliente; a importância de não se desenvolverem dicotomias entre as dimensões psíquica e espiritual, pois dar atenção a ambos os aspectos pode ser necessário e complementar. Bella descreve a importância de saber com que dimensão se está lidando:

[...] e a discriminação que a gente tem que ter, quer dizer, eu tô lidando com um fenômeno que é uma experiência do sagrado, ou estou lidando com um sintoma psicopatológico? Estou lidando com uma espiritualidade aberta, em curso, em desenvolvimento ou estou lidando com uma, com um mecanismo de defesa que a pessoa usa para tentar aplacar conflitos emocionais, e que ela usa de um discurso de uma pretensa espiritualidade quando na verdade ela está é... sem sustentação pra enfrentar.

Bella também descreve um trabalho em que precisou atender às questões psíquicas de uma cliente para então ajudá-la a integrar dimensões espirituais, uma vez que seu discurso espiritual estava sendo usado como preenchimento de um vazio. Ela delineou como o amadurecimento psíquico possibilitou uma abertura espiritual:

[...] foi um longo mesmo, longo, longo trabalho, árduo trabalho, acho que ajudei ela a flexibilizar o que estava muito rígido e ela a se tornar mais firme do que estava excessivamente flexível. [...] ela era muito imatura no ponto de vista emocional, o fato d'eu ter contribuído e ajudado ela ir amadurecendo ao longo desses onze anos fazendo essa desconstrução em paralelo, ela foi podendo *selecionar* melhor... e ao selecionar melhor, ter experiências nessa dimensão da religiosidade, [...]

### **Núcleo 4: Emprego do método fenomenológico.**

O método fenomenológico, que consiste na base do trabalho do Gestalt-terapeuta, foi citado como fundamental para a lida com as dimensões espirituais dos clientes. Aqui, duas unidades de sentido se revelaram: importância de suspender *aprioris* e interferências; desenvolver um trabalho centrado na perspectiva das(os) clientes.

Participantes afirmaram que centram as buscas de solução dos problemas trazidos por clientes dentro do universo de valores e crenças de cada um(a). Um(a) psicoterapeuta não pode deixar que suas crenças es-



pirituais e religiosas influenciam em seu trabalho, como disse Érico: “É, aí é questão ética... que eu acho mais importante ... sempre que eu imponho um código de valor pro meu cliente, eu acho que é uma má prática”. Laura define como trabalha na perspectiva da(o) cliente: “Então, isso também faz parte da minha clínica, né, trabalhar com indivíduo, ele entender o que é essa multidimensionalidade, não a partir da minha perspectiva, mas a partir da perspectiva dele [...]”.

Isto não significa que as crenças e valores não possam ser questionados, o que pode acontecer com respeito a questões éticas e quando a(o) cliente tem suporte para ser desafiada(o). Érico fala de como confronta crenças de um(a) cliente que estejam ligadas a temas espirituais e religiosos, quando percebe que essas possam estar impedindo o seu crescimento:

E... dada a situação que ele vivia, eu não confrontava essa fé, porque ela dava suporte pra ele enfrentar o que tava mesmo muito difícil. Talvez num outro momento, quando ele superasse esse momento difícil... talvez eu confrontasse, o sentido dessa (crença)... porque aí é uma ingenuidade é... pouco critica, é uma ilusão, mas que tava alimentando, que tava servindo pra que ele se cuidasse, o que interessa, então eu não confronto.

#### **Núcleo 5: Trabalho em uma perspectiva transcendente / multidimensional.**

A espiritualidade como transcendência também pode ser trabalhada na clínica gestáltica, assim como os aspectos multidimensionais da vida humana. Três unidades de sentido foram desenvolvidas dentro deste núcleo. A primeira demonstra que a(o) psicoterapeuta pode trabalhar com a totalidade do ser, “o reconhecimento do homem como uma *gestalt*”, como disse Laura. A segunda trata do reconhecimento da conexão com um todo maior, uma força organizadora que transcende as relações intrapessoais e interpessoais. Isso reflete no trabalho da(o) terapeuta, como postulou Mauro:

Então, essa coisa do mistério de que... nem tudo é explicável, e que parece, muitas vezes a gente tem a sensação de que tem uma força maior organizando tudo. Isso... isso é algo a ser reconhecido e honrado, algumas vezes só com o silêncio.  
Mas reconhecer essa dimensão que nos ultrapasse, que... né?

Uma terceira unidade de sentido retrata a lida com as vivências de expansão da consciência por parte das(os) clientes. Estas podem ser apoiadas e validadas pela(o) terapeuta quando surgem na clínica, como no exemplo de Mauro:

[...] eu me recordo de uma pessoa que vivia uma crise de angústia muito grande, e... olhou para uma planta, no jardim da casa dela, tava chovendo, ela viu as gotas de chuva tocando a planta e por um momento (estalar de dedos) ela saiu da dimensão espaço-tempo e se sentiu completamente identificada com a planta, como se ela fosse a planta. Uma experiência paranormal que ela teve, vamos dizer assim. Ela *era* a planta, né?

Em relação a este exemplo, o participante afirmou que é importante que o terapeuta esteja versado nas diversas tradições religiosas, para reconhecer quando uma experiência descrita faz sentido dentro do universo de crenças da(o) cliente, deixando assim de ser vista como um aspecto psicopatológico.

Em outro ângulo, clientes podem procurar a psicoterapia quando precisam integrar vivências de expansão da consciência. A participante Laura disse que, mediante seu treinamento em psicoterapia transpessoal, desenvolveu habilidades para lidar com estados ampliados de consciência vividos por suas(seus) clientes, como no exemplo a seguir:

O outro exemplo é o exemplo de experiência de consciência ampliada. É... (pausa) o... o... eu tinha um cliente, né, que tinha... é... ele tinha sonhos premonitórios. Muito fortes, né. Ele tinha sonhos, ele tinha experiências premonitórias, ele ampliava às vezes a consciência de onde ele tava, às vezes ele não sabia, né, onde ele tava ou não. Então, a primeira coisa que eu trabalhei, né, foi enraizamento, né, todos os trabalhos de enraizamento para ele poder, no momento em que ele tava numa situação de vida normal, ampliasse a consciência, ele poder voltar pra terceira dimensão, né, e... poder se situar, porque ele tava se pondo em risco.

Laura continua a descrever como faz seu trabalho: “Eu não trabalho com o meu cliente ele expandir a consciência no consultório. Eu trabalho com o cliente, o cliente que já vem com a consciência expandida, ele poder lidar com isso”. A entrevistada Laura afirmou que é muito importante que a(o) psicoterapeuta não se envolva com o sentido religioso que a(o) cliente atribui a suas experiências de expansão da consciência, nem que faça encaminhamentos religiosos.

[...] Então, eu trato com ele... as questões dele de consciência expandida, a expansão *da* consciência, que



não tem nada a ver com religião. A religião é uma coisa, consciência expandida é outra. Religião são estruturas construídas pelo homem, né, a partir de seu referencial de crenças e que lidam com consciência expandida ou não. O meu papel é trabalhar a dimensão da consciência expandida. A *crença* de que ele quer significar isso, pra que Deus, pra que coisa, é problema *dele*. [...]

Por fim, evidencia-se que psicoterapeutas precisam reconhecer e validar as experiências transcendentais ou multidimensionais trazidas por suas(seus) clientes, oferecendo acolhimento e uma postura não reducionista na busca de processamento e integração. Como disse Bella: “Então eu não sei se eu faço coisas [...] eu me coloco disponível, eu acato, eu aguardo, eu sustento, eu compartilho experiências, às vezes eu conto pra pessoa situações em que eu vivi coisas parecidas, né?”

### **Núcleo 6: Integração entre religião, religiosidade e espiritualidade.**

Participantes descreveram como lidam quando temas de religião e religiosidade aparecem na clínica, apontando que devem ser compreendidos de forma integrada na dimensão da espiritualidade. Foram configuradas sete unidades de sentido: compreensão das vivências religiosas das(os) clientes; integração do ateísmo; reconhecimento dos idiomas religiosos da(o) cliente; encorajamento de liberdade de escolhas; incentivo de soluções dentro do grupo religioso da(o) cliente; evitação do papel de conselheiro religioso; saber diferenciar espiritualidade de religiosidade. A seguir, algumas falas das(os) clientes que originaram as unidades de sentido serão apresentadas como ilustração.

Em relação a buscar conhecer o universo religioso das(os) clientes, disse Laura: “quando eu pergunto pra um cliente meu, no primeiro encontro, né, qual é a fé dele, eu vou procurar saber quais são os valores, [...] pra eu poder estudar, pra eu *entender* o raciocínio dela”.

Bella falou sobre compreender o sentido das escolhas religiosas de suas(seus) clientes no contexto de suas histórias de vida: “Tive um paciente ateu, por exemplo... a mãe dele era uma carola vinte cruzeiros né, e ele se dizendo um ateu vinte cruzeiros também, e um dia eu perguntei pra ele, mas que... que é que você compreende sobre o seu ateísmo?”. Segundo Bella, o trabalho terapêutico pode facilitar o reconhecimento do caminho religioso que faz sentido para a existência da(o) paciente, possibilitando-lhe ser autêntica(o) em suas escolhas:

[...] E aí as identificações, as alienações, as frustrações, as, os encontros, os desencontros, né, é nesse sentido que eu trabalho com a pessoa, quando a pessoa está engajada numa prática religiosa ou dita espiritual, eu vou trabalhar no sentido de ajudá-la a tornar aquilo mais pessoal possível, ou seja, que ela assimile aquela experiência e torne aquela experiência pessoal, quer dizer *dela*, né... ou então se despeça na direção do que pra ela faz mais sentido, né, ou então acatando aquele modo de ser...

Às vezes a(o) psicoterapeuta lida com experiências religiosas de suas(seus) clientes que divergem de suas próprias crenças. Mauro sugere: “Então aí o terapeuta precisa ser fenomenológico. E viver com a experiência da pessoa e os sentidos que *aquilo* traz pra pessoa né?”. A(o) psicoterapeuta pode incentivar a solução de problemas da(o) cliente dentro do universo de sua religião. Como exemplificou Laura: “às vezes eu tenho cliente, de terceira idade, que, o cliente que tem uma dificuldade grande de socialização, dependendo da religião que eles têm, né, tem toda uma vida social na igreja, no templo, no que seja”.

Por fim, explicitam que um(a) psicoterapeuta não deve se colocar no papel de conselheira(o) religiosa(o), como disse Mauro: “Mas quando as pessoas vêm pra cá, elas não vão encontrar um... assim, um contexto, é... de aconselhamento espiritual. A gente vai a fundo na experiência delas, né?”

### **Núcleo 7: Uso de recursos técnicos.**

Este núcleo se revelou em duas unidades de sentido. A primeira versa sobre os diversos recursos utilizados para endereçar a espiritualidade da(o) cliente, a segunda, sobre como usar estes recursos, enfatizando o método fenomenológico. Participantes ainda destacaram a necessidade de cuidado com a linguagem utilizada na aplicação dos recursos, para que as crenças das(os) clientes sejam respeitadas e para que não haja busca de doutrinação.

## **Discussão**

A pesquisa que deu origem a este artigo buscou compreender a relação entre a psicoterapia e a espiritualidade na percepção de Gestalt-terapeutas, mediante a análise fenomenológica de seus relatos de experiências clínicas. O estudo resultou na apreensão de componentes essenciais das vivências das(os) participantes, conforme a figura 3.

Em geral, participantes expressaram a prevalência do tema da espiritualidade na clínica, e demonstraram estar muito à vontade para lidar com seus diversos aspectos e desdobramentos quando surgem. Ao serem indagadas(os) sobre como se prepararam para lidar com o tema na clínica, indicaram suas buscas pessoais, uma atitude de abertura e interlocução, e participação em formações específicas que foram além de sua educação acadêmica de base. Pesquisas diversas têm confirmado que a formação tradicional tende a não preparar para a lida com aspectos espirituais e religiosos na clínica (Campos, 2019), levando psicoterapeutas a comple-



mentarem seu preparo.

Os componentes essenciais apresentados neste recorte refletem os da pesquisa original. Em relação aos **temas existenciais e ontológicos**, participantes relataram como lidam com o sentido da vida, valores, vazio, finitude, escolhas, criatividade de suas(seus) clientes. Isso condiz com uma clínica existencial humanista, que não trata simplesmente de debelar sintomas, mas também de dar suporte ao crescimento existencial e espiritual (Evangelista, 2019; Rehfeld, 2009; Ribeiro, 2009). Chaves e Nascimento (2021, p. 118) falam na possibilidade da espiritualidade “atuar como chave terapêutica na sustentação psíquica do sujeito frente aos dilemas existenciais e contextos traumáticos”.

A **relação terapêutica** fundamentada no diálogo, como desenvolvida na Gestalt-terapia, foi descrita pelos participantes como possibilitadora da experiência espiritual. Williams (2006) descreveu que Gestalt-terapeutas que trabalham dentro da abordagem do diálogo abraçam uma visão transpessoal, porque trabalham no campo que se forma entre psicoterapeuta e cliente e incorporam o “entre”, a partir de princípios e técnicas do encontro. Segundo Buber (1974), o contato e o diálogo entre pessoa e pessoa possibilitam uma abertura ao encontro com o Tu Eterno, o sagrado, a experiência de Deus. Os chamados momentos sagrados em psicoterapia são citados na pesquisa e estão de acordo com estudos recentes (Lomax, Kripal & Pargament, 2011; Pargament, Lomax, McGee & Fang, 2014), refletindo a profundidade da conexão entre cliente e psicoterapeuta nas dimensões intrapessoal, interpessoal e transpessoal.

Figura 1: Componentes Essenciais das vivências das(os) participantes:



Fonte: elaboração das(os) autoras(es) (2019)

Participantes apresentaram os atributos que um(a) psicoterapeuta precisa desenvolver para possibilitar o encontro, como empatia e não julgamento, sinceridade, intuição, *feeling*, maturidade, capacidade de integração de experiências pessoais, humanidade. Como disse Mauro: “talvez a coisa mais importante numa relação[...] é... é quando você se despe, inclusive da sua teoria, né, e você está com a pessoa, sem nada entre você e ela.”

Segundo Bello (2021), a atividade da(o) psicólogo e da(o) psicoterapeuta deve incluir a consciência do cuidado com o outro. Segundo a autora (p. 23), “deveríamos sempre buscar a realização sobre nós mesmos do processo de *epoché* dos nossos preconceitos para abrimo-nos a uma autêntica compreensão do outro”. Ela afirma a importância de desenvolver a enteropatia ou empatia, para estabelecer relações humanas, acolhedoras. Tassinari e Durange (2014) relataram que a compreensão empática, quando desenvolvida com maior profundidade, pode transformar-se em compaixão, a qual tem uma qualidade espiritual.

As(os) participantes relataram que frequentemente lidam com **temas de transcendência** trazidos por suas(seus) clientes, com um todo maior que está além da existência singular da pessoa ou de suas relações interpessoais, e com as emergências espirituais. Para Naranjo (2010), o conceito de *awareness*, prevalente em Gestalt-terapia, é a base trabalho transpessoal, possibilitando a lida com os estados alterados de consciência. Para Williams, (2006), a(o) Gestalt-terapeuta pode facilitar experiências transpessoais, oferecendo a base para a evolução espiritual das(os) clientes.

Participantes afirmaram a importância de acolher vivências de transcendência, renunciando preconceções e dando suporte à integração. Para Cardella (2017, p. 114), o ser humano é concebido como possuidor de uma dimensão transcendente, o que nos permite “contemplar a espiritualidade, a vivência do sagrado, da



religiosidade e da religião como fenômenos humanos”. Segundo Ribeiro (2009), muitos dos problemas humanos (materiais ou não) passam pelo seu desconhecimento de pertencer a um todo maior. Esta separatividade experimentada em relação ao mundo é promotora do sofrimento psíquico, uma vez que deixa a pessoa com um vazio de sentido e uma sensação de isolamento e desamparo (Hycner, 1993). Pode-se também fazer uma relação entre este poder curativo da conexão espiritual, citado por alguns participantes, com o que falou Leuw (1933/2009) sobre a busca do ser humano, em suas experiências religiosas, por um poder maior que o ajude a superar situações difíceis e lhe propicie a vivência do sagrado.

A tarefa da(o) psicoterapeuta seria facilitar o retorno do cliente à forma saudável de viver, guiado por princípios naturais (Crocker & Philipson, 2005). O autor e a autora ainda citam o Taoísmo, que influenciou a Gestalt-terapia, para o qual a pessoa sábia aprende e vive de acordo com as formas da natureza. E Ribeiro (2021) apresenta o conceito de ambientalidade, que se trata de “uma dimensão humana ignorada, não sabida e que rompe a fragmentação pessoa e mundo, passando a ser co-constituente, co-fundante, co-substancial com o universo como uma totalidade viva e em ação”.

Joyce e Sills (2014) falaram da influência que a Gestalt-terapia recebeu da teoria de campo, que apresenta uma visão ecológica, de uma relação de interdependência com o todo, entre o ser humano e o universo. O autor e a autora apresentam duas formas de definir espiritual: a primeira, como expansão pessoal de significado, dentro da moldura da consciência familiar; e a segunda, como experiência de uma consciência diferente, misteriosa, uma conexão com uma presença maior. Esta relação com uma dimensão maior, de amplitude, foi salientada por participantes e é descrita na literatura (Cardella, 2017; Naranjo, 1987; Ribeiro, 2009).

Participantes da pesquisa afirmaram que suas(seus) clientes frequentemente trazem **temas de religião e de religiosidade** para a clínica, o que faz sentido, uma vez que o fenômeno religioso é inerente ao ser humano (Bello, 2021). A religião está relacionada às crenças espirituais e seculares das pessoas; uma boa prática terapêutica inclui trabalhar com temas religiosos trazidos por clientes, sem nunca se tornar doutrinação ou catequese.

O fenômeno da experiência religiosa se revela em uma multiplicidade de formas, em “uma pluralidade de manifestações decorrentes de uma raiz constitutiva do humano: o espírito” (Peretti, 2021, p. 29). Crocker e Philipson (2005) afirmaram que as crenças de uma pessoa compõem o fundo que proporciona sentido às suas experiências. Assim, conhecer a base de crenças de um(a) cliente pode ajudar na compreensão de suas escolhas.

Há também a presença de temas da fé religiosa. Neste caso, participantes consideraram que um(a) psicoterapeuta deve trabalhar o vivido, o sentido dado por um(a) cliente a suas experiências, o que pode incluir vivências religiosas. O papel da(o) psicoterapeuta seria o de conhecer as realidades, as construções de sentido que se criam na subjetividade das(os) clientes (Neubern, 2013), mas sem tentar interferir nas suas questões de fé. Silva (2014, p. 37) afirmou a importância de buscar o significado para a pessoa de sua experiência religiosa, independentemente de que esta possa ser um produto da psique ou um encontro com o sagrado.

Enfim, para lidar com temas de religião, psicoterapeutas precisam respeitar as crenças de suas(seus) clientes, assim como questionar uma rigidez excessiva, que possa estar promovendo sofrimento. Henning-Geronasso e Moré (2015) enfatizaram a validação das crenças das(os) clientes, aliada à busca de sua flexibilização, quando poderiam estar limitando as possibilidades de um desenvolvimento saudável. Aqui cabe o recurso do cuidado e da ética por parte da(o) psicoterapeuta, para evitar a possibilidade de promover culpa e vergonha em sua(seu) paciente.

A clínica gestáltica pode promover uma **integração entre o psíquico e o espiritual**. Para a(o) psicoterapeuta de base existencial, o humano não se reduz ao psíquico. Segundo Bello (2021, p.26), em todos os seres humanos estão presentes a atividade psíquica e a espiritual, a última descrita por ela como capacidade de avaliar as situações vividas e fazer reflexões morais. Segundo a autora, há momentos em que uma ou outra atividade tem domínio na vida da pessoa: ora o espírito se submete ao psiquismo, ora as decisões vão depender do exercício da atividade espiritual. A(o) psicoterapeuta precisa saber diferenciar quando está diante de um tema psicológico, relacional, ou quando se o tópico se vincula a aspectos existenciais e ontológicos humanos (Evangelista, 2019).

As(os) participantes enfatizaram que não se deve fazer dicotomias entre o trabalho clássico com temas psicogênicos e o tratamento de temas espirituais. Joyce e Sills (2014) expressaram que, como profissionais, psicoterapeutas são treinados para lidarem com questões “mundanas”, mas nem sempre estão preparados para lidar com as necessidades espirituais das(os) clientes, aqui refletindo sobre espiritualidade de uma forma mais ampla. A Logoterapia (Frankl, 1991), abordagem existencial, descreve a alternância entre trabalhar a dimensão noética (espiritual) e a psíquica, na constituição do processo terapêutico. Hycner (1993) afirmou que algumas pessoas buscam a “transcendência” antes de se desenvolverem pessoalmente, querendo ultrapassar seus problemas mediante uma fuga para o espiritual. O autor sugeriu um trabalho de amadurecimento pessoal como pré-requisito para a busca de uma consciência mais ampla e para a espiritualidade.

Joyce e Sills (2014) também descrevem as muitas razões que levam clientes à psicoterapia, descrevendo-as como um *continuum*, que pode se iniciar como desejo de acabar com a tristeza, passando pelo autoconhecimento, até chegar à busca de crescimento espiritual. Clientes podem se deslocar nesse contínuo na medida em que progridem no processo. Hycner (1993) afirmou que a busca de autoconhecimento através da psicoterapia



abre as portas para que questões últimas e de sentido da vida sejam integradas.

Ribeiro (2009, p. 189) também cita que há situações nas quais a(o) psicoterapeuta precisa reconhecer a demanda espiritual na fala da(o) paciente sobre suas dificuldades:

Atrás de muitos problemas humanos, como angústia, desespero, culpa, reparação, escrúpulo, medo, que estão sempre presentes em nossos consultórios, está uma procura velada, às vezes evidente, de Deus. Mas o terapeuta não se dá conta de que o cliente está navegando, às vezes soçobrando, no campo do sagrado, do divino, e com uma profunda sede ou fome de Deus.

Em relação ao **método clínico**, participantes retrataram seu trabalho dentro de uma abordagem fenomenológica, e descreveram os recursos técnicos que usam em trabalhos com a espiritualidade. Segundo Crocker e Philipson (2005), o método fenomenológico de Husserl foi transformado em uma metodologia psicoterapêutica na Gestalt-terapia. Dentro desta proposta, a(o) psicoterapeuta suspende seus elementos interpretativos (*epoché*) e acolhe ativamente a revelação da verdade pessoal da(o) cliente, sua forma de ser e *como* ela(e) revela suas experiências.

## Considerações Finais

Com recorte de um estudo empírico mais abrangente, e focando na experiência de psicoterapeutas da abordagem gestáltica, com utilização do método fenomenológico, este estudo afirma a importância de que clínicos estejam preparados para lidarem com temas espirituais, existenciais, religiosos e de religiosidade. Ilustrou como a psicoterapia gestáltica aponta caminhos de cuidado que trabalham relações, questões psíquicas e existenciais, valores, sentido de vida, promovendo a saúde bio-psico-sócio-espiritual. Tais caminhos possibilitam o sentido de pertencimento a um todo maior, dando sustentação à confiança em nosso entorno e cuidado com o meio. Pode-se afirmar que, mediante o diálogo psicoterapêutico, é possível promover a res-sacralização da relação com o outro e com o mundo. O processo psicoterápico pode promover compaixão e sentido de coletividade, abrir portas para a transcendência, e horizontes de encantamento com o campo espiritual.

A potencialidade do trabalho com a espiritualidade pode apontar novos caminhos para a Gestalt-terapia. O cuidado com o todo, a abertura amorosa, a compaixão, podem nos direcionar para o trabalho com a ecologia, o meio ambiente, o cuidado social, a tolerância religiosa, temas tão importantes da atualidade. Um futuro estudo poderá investigar o papel da espiritualidade no engajamento com questões sociais e ecológicas, uma vez que espiritualidade não significa alienação do mundo real, mas uma integração com o mesmo.

## Referências

- Aletti, M. (2012). A psicologia diante da religião e da espiritualidade: questões de conteúdo e de método. In Freitas, M. H. & Paiva, G. J. *Religiosidade e Cultura Contemporânea*. Brasília, D.F.: Universa.
- Amatuzzi, M. M. (2001). Pesquisa fenomenológica em psicologia. In M. A. T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs.), *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: Reflexões e Perspectivas*. São Paulo: Ômega Editora.
- Bello, A. A. (2021). Envolvimento psíquico e reações espirituais em época de pandemia. In J. A. Gutiérrez Espíndula & A. E. Aguirre Antúnez (Orgs.), *Psicologia fenomenológica e saúde mental durante a pandemia COVID-19: experiências e pesquisas* (pp. 19-28). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Recuperado de [http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/psicol\\_fenomenologica\\_saude\\_mental\\_covid.pdf](http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/psicol_fenomenologica_saude_mental_covid.pdf)
- Borges, A. (2020). A espiritualidade na Gestalt-terapia como estratégia de ajustamento criativo. *Encontros Teológicos/ Florianópolis*, 35(1). DOI: <https://doi.org/10.46525/ret.v35i1.1015>
- Buber, M. (1974). *Eu e Tu*. (2a ed.) São Paulo, SP: Editora Moraes.
- Campos, A. F. (2019). *Deus na Cadeira Vazia: Psicoterapia e Espiritualidade nas Percepções de Gestalt-terapeutas* (Tese de Doutorado) Universidade de Brasília, Brasília. Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37138>
- Cardella, B. H. P. (2017). *De volta para casa: Ética e Poética na Clínica Contemporânea*. Amparo, S.P.: Gráfica Foca.
- Chaves, F. S. & Nascimento, C. L. (2021). Intersecção da fenomenologia da religião na medida e desmedida da existência para a saúde mental em tempos de pandemia. *Revista Relegens Thréskeia*, 10(1), pp 118 – 142. Recuperado de <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/79527>



- Corrêa, D. A. & Borjato, H. C. (2016) Experiência religiosa e saúde: uma perspectiva fenomenológica. *Revista Científica da Universidade de Mogi das Cruzes*, 1(1). Recuperado de <http://seer.umc.br/index.php/revista-umc/article/view/27/58>
- Clarkson, P. & Mackewn, J. (1993). *Fritz Perls*. London: Sage Publications.
- Crocker, S. & Philippson, P. (2005) Phenomenology, existentialism, and eastern thought in gestalt therapy. In A. Woldt & S. Toman (eds.) *Gestalt Therapy: History, Theory, and Practice*, pp. 65-80, Thousand Oaks: Sage Publications, Inc.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de Pesquisa*. Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, V. F. da & Scorsolini-Cumin, F. (2019a). Dimensão Religiosidade/Espiritualidade na Prática Clínica: Revisão Integrativa da Literatura Científica. *Psicologia Clínica e Cultura, Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35419>
- Cunha, V. F. da & Scorsolini-Comin, F. (2019b). Religiosity/Spirituality (R/S) in the clinical context: professional experiences of psychotherapists. *Temas em Psicologia*, 27(2), 427-441. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2019.2-10>
- Esperandio, M. (2020). Espiritualidade e saúde: a emergência de um campo de pesquisa interdisciplinar. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, 20(2), 7-10. DOI: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2020vo-120i2a1>
- Evangelista, P. E. R. A. (2019). O incontornável do humano: as terapias existenciais de Emmy van Deurzen e Alice Holzhey-Kunz. In C. M. Cardoso & J. P. Giovanetti (Orgs.), *Sofrimento Humano e Cuidado Terapêutico*. Belo Horizonte: Artesã Editora.
- Frankl, V. E. (1991). *Man's Search for Meaning*. London: Hodder & Stoughton.
- Freitas, M. H. (2004). O senso religioso como objeto de interesse da psicologia: um breve histórico. In M. A. Ribeiro, *Texto didático: questões da psicologia contemporânea*. Brasília, D. F.: Universa.
- Freitas, M. H., Ruas, E. F. L. & Nwora, E. I. (2021). Religiosity and Spirituality in mental health contexts. In R. Andrew & K. Hatala (Eds.), *Spiritual, Religious, and Faith-Based Practices in Chronicity: An Exploration of Mental Wellness in Global Context*. London: Routledge.
- Freitas, M. H. & Vilela, P. R. (2017). Leitura fenomenológica da religiosidade: implicações para o psicodiagnóstico e para a práxis clínica psicológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(1), 95-107. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672017000100011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100011&lng=pt&tlng=pt).
- Giorgi, A. (1985). Sketch of a psychological phenomenological method. In A. Giorgi (Org.), *Phenomenology and psychological research* (pp. 8-22). Pittsburg: Duquesne University Press.
- Giorgi, A. (2009). *The descriptive phenomenological method in psychology: a modified Husserlian approach*. Pittsburg: Duquesne University Press, 2009.
- Giorgi, A. (2012). The descriptive phenomenological psychological method. *Journal of Phenomenological Psychology*, v. 43(1), p. 3-12. DOI: <http://dx.doi.org.ez97.periodicos.capes.gov.br/10.1163/156916212X63293>
- Giorgi, A. P., & Giorgi, B. M. (2003). The descriptive phenomenological psychological method. In P. M. Camic, J.E. Rhodes & L. Yardley. *Qualitative research in psychology: expanding perspectives in methodology and design* (pp. 243-273). Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Hefti, R. (2019). Integrando Religião e Espiritualidade no cuidado em saúde mental, na Psiquiatria e na Psicoterapia. (H. August & P. L. T. Santos, Trad.) *Interação em Psicologia*, 23(02), 308-321. (Originalmente publicado em 2011). Recuperado de <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/68486/39536>
- Henning-Geronasso, M. C. & Moré, C. L. O. O. (2015). Influência da Religiosidade/Espiritualidade no Contexto Psicoterapêutico. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 35(3), 711-725. doi:10.1590/1982-3703000942014.
- Hofmann, L. & Walach, H. (2011). Spirituality and religiosity in psychotherapy - A representative survey among German psychotherapists. *Psychotherapy Research*, 21(2), 179-192. doi: 10.1080/10503307.2010.536595



- Holanda, A. F. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. Em *Análise Psicológica*, 34(XXIV), 363-372. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.12/5988>
- Hook, J. N., Worthington Jr., E. L. & Davis, D. E. (2012). Religion and Spirituality in Counseling. In N. A. Fouad (Ed.), *APA Handbook of Counseling Psychology: Vol. 2. Practice, Interventions, and Applications* (p. 417-432). doi: 10.1037/13755-017.
- Hycner, R. (1993) *De Pessoa a Pessoa*. São Paulo: Summus.
- Joyce, P. & Sills, C. (2014). *Técnicas em Gestalt: Aconselhamento e psicoterapia*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Juliano, J. C. (1999). *A arte de restaurar histórias*. São Paulo: Summus.
- Lima Neto, V. B. (2013). A Espiritualidade em Logoterapia e Análise Existencial: o Espírito em uma Perspectiva Fenomenológica e Existencial. *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies - 19(2)*: 220-229. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000200010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200010&lng=pt&tlng=pt).
- Leeuw, G. V. der. (1933/2009). A religião em sua essência e suas manifestações: Fenomenologia da religião, Epílogo. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(2), 179-183. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672009000200014&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200014&lng=pt&tlng=pt).
- Lomax, J. W., Kripal, J. J. & Pargament, K. I. (2011). Perspectives on “Sacred Moments” in Psychotherapy. *American Journal of Psychiatry*, 168(1), 12-18. <http://dx.doi.org/10.1176/appi.ajp.2010.10050739>.
- Monteiro, D.D., Reichow, J.R.C., Sais, E.F. & Fernandes, F.S. (2020). Religiosidade/ Espiritualidade e Saúde Mental no Brasil: uma revisão. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 40(98), 129-139. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2020000100014&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2020000100014&lng=pt&tlng=pt).
- Moreira-Almeida, A., & Lucchetti, G. (2016). Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. *Ciência e Cultura*, 68(1), 54-57. <https://doi.org/10.21800/2317-66602016000100016>
- Moreira-Almeida, A., Sharma, A., van Rensburg, B. J., Verhagen, P. J., & Cook, C. C. H. (2016). WPA Position Statement on Spirituality and Religion in Psychiatry. *World Psychiatry*, 15(1), pp. 87-88. DOI:10.1002/wps.20304
- Nascimento, A. K. C. & Caldas, M. T. (2020). Dimensão espiritual e psicologia: a busca pela inteireza. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(1), pp. 74-89 <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.7>
- Naranjo, C. (1978). Gestalt therapy as a transpersonal approach. *Gestalt Journal*, 1(2), 75-81. [Recuperado de http://www.claudionaranjo.net/pdf\\_files/gestalt/gestalt\\_as\\_a\\_transpersonal\\_approach\\_english.pdf](http://www.claudionaranjo.net/pdf_files/gestalt/gestalt_as_a_transpersonal_approach_english.pdf).
- Neubern, M. S. (2013). *Psicoterapia e Espiritualidade*. Belo Horizonte: Diamante.
- Oliveira, M. R. & Junges, J. R. (2012). Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. *Estudos de Psicologia*, 17(3). <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300016>
- Paiva, R. de (2018). Espiritualidade, Religiosidade e Subjetividade no Contexto do Sofrimento Psíquico Grave. *ECOS, Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8(2), 278-290. Recuperado de <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2852/1567>
- Panzini, R. G, Rocha, N. S da, Bandeira, D. R, & Fleck, M. P. de A. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de psiquiatria clínica*, 34(1), 105-115. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700014>
- Pargament, K. I., Desai, K. M., & McConnell, K. M. (2006). Spirituality: A pathway to posttraumatic growth or decline? In R. Tedeschi & L. Calhoun (Eds.), *Handbook of posttraumatic growth: Research and practice* (pp. 121-137). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Pargament, K. I., Lomax, J. W., McGee, J. S., & Fang, Q. (2014). With one foot in the water and one on shore: The challenge of research on spirituality and psychotherapy. *Spirituality in Clinical Practice*, 1(4), 266-268. <https://doi.org/10.1037/scp0000046>
- Peretti, C. (2021). Fenomenologia e experiência religiosa em tempos de pandemia. In J. A. G. Espíndula & A. E. A. Antúnez (Orgs.), *Psicologia fenomenológica e saúde mental durante a pandemia COVID-19: experiências e pesquisas*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.



- Perls, F. S. (1977). *Gestalt-terapia explicada*. São Paulo: Summus.
- Piasson, I. J., Oliveira, L. O. & Freitas, M. H. (2022). Religiosidade na Clínica: Concepções e Experiências de Psicólogos Junguianos – Um Estudo Fenomenológico. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 28(02), pp. 149-164. DOI: 10.18065/2022v28n2.2
- Pinto, Ê. B. (2009). Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. *Revista de Estudos da Religião*. Recuperado de [www.pucsp.br/rever](http://www.pucsp.br/rever)
- Raddatz, J. S., Motta, R. F. & Alminhana, L. O. (2019). Religiosidade/Espiritualidade na Prática Clínica: Círculo Vicioso entre Demanda e Ausência de Treinamento. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 24(4), p. 699-709. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240408>
- Rehfeld, A. (2009). O que diferencia uma Abordagem Fenomenológico-existencial das demais? In E. B. Pinto (org.), *Gestalt-terapia: encontros*. São Paulo: Instituto de Gestalt de São Paulo.
- Ribeiro, J. P. (2021). *Ambientalidade, co-existência, sustentabilidade*. Conferência de abertura do XVII Encontro Nacional de Gestalt-terapia / XIV Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica, Pirenópolis, GO.
- Ribeiro, J. P. (2009). *Holismo, Ecologia e Espiritualidade*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (1985). *Refazendo um Caminho*. São Paulo: Summus.
- Schoen, S. (1994). *Presence of Mind: Literary and philosophical roots of a wise psychotherapy*. Highland, NY: The Gestalt Journal Press.
- Silva, C. (2014). *Fenomenologia da religião: compreendendo as ideias religiosas a partir de suas manifestações*. São Paulo: Vida Nova.
- Silva, A. B., Guerra, V. M., Pirola, G. P., Galvão, J. A. & Zanotelli, L. G. (2020). Relação entre sentido de vida e espiritualidade na América Latina: uma revisão integrativa da literatura. *Interação em Psicologia*, 24(2), 215-229. Recuperado de <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/66020/41448>
- Tabone, M. (1993). *A Psicologia Transpessoal*. (9a. Ed.) São Paulo: Editora Cultrix.
- Tassinari, M. A., & Durange, W. T. (2014). Experiência empática: da neurociência à espiritualidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(1), 53-60. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672014000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100007&lng=pt&tlng=pt).
- Williams, L. (2006). Spirituality and Gestalt: A Gestalt-Transpersonal Perspective. *Gestalt Review*, 10(1), 6-21. Recuperado de <http://www.gisc.org/gestaltreview/documents/spiritualityandgestalt-agemental-transpersonalperspective.pdf>
- WHOQOL SRPB Group (2006). A cross-cultural study of spirituality, religion, and personal beliefs as components of quality of life. *Social Science & Medicine*, 62(6), pp. 1486-97. doi: 10.1016/j.socscimed.2005.08.001.
- World Psychiatric Association (2016). WPA Position Statement on Spirituality and Religion in Psychiatry. *World Psychiatry*, 15(1). Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/toc/20515545/2016/15/1>
- Zaneti, N. B. (2017). *Sexualidade e espiritualidade femininas: um estudo com mulheres praticantes de tai chi chuan* (Tese de doutorado). Universidade Católica de Brasília, Brasília, D.F.
- Zea, M. C., Mason, M. A., & Murguía, A. (2000). Psychotherapy with members of Latino/Latina religions and spiritual traditions. In P. S. Richards & A. E. Bergin (Eds.), *Handbook of psychotherapy and religious diversity* (pp. 397-419). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10347-016>

Recebido em 02.02.2023 – Primeira Decisão Editorial em 17.04.2023 – Aceito em 18.04.2023